

JOÃO HABITUALMENTE

# MAIS NOTÍCIAS DO PENSAMENTO

$$E=mc^3$$

DES/CONEXO



# PENSAMENTO DESCONEXO: O NADA QUE PODE SER TUDO

*Mais notícias do pensamento desconexo* dá continuidade ao *Notícias do pensamento desconexo*, publicado em 2003 pelas Edições Mortas. O próprio do pensamento desconexo é, porém, ir por onde lhe apetece, relacionando-se tanto consigo como com o seu vice-versa, tanto com as coisas do mundo como com a antimatéria, procurando deliberadamente o descabelado e o impropositivo – palavra acabada de inventar para gosto dos analistas críticos. Não se trata com isto de minorizar as análises críticas – mas preferimos redondamente as análises clínicas. Mesmo, até, as análises genéticas, que mostram como o pensamento desconexo está no ADN de todos quantos sabem que a vida é uma anedota – a única, aliás, em que as pessoas choram quando acaba.

O pensamento desconexo é, portanto, um não estar preso a continuidades, pelo que se trata aqui duma continuidade sem continuidade obrigatória, sem nenhuma responsabilidade de disciplina mental, sem o travão do método. Do livro de 2003, mantivemos as séries *Enigmas da Natureza*, *Quase Filosóficos e Quase Poéticos*. É por isso que não aparecem, neste livro, numeradas a partir do 1., mas retomando o número seguinte ao que fechava cada uma dessas rubricas no livro anterior. Reunimos aqui os textos escritos daí para cá, uma coleção de alta-costura lexical e semântica que demorou onze anos a fazer, dado o ritmo de estalactite a que produzimos texto desconexo sem cair na desconexão do texto.

O pensamento desconexo é higiênico, é uma ginástica do espírito praticamente sem pegada ecológica, contramétodo que visa respirar para fora do convencionalismo. Desde logo do da vida social regida pela conveniência, da conversa atinada, do estar adulto e adulterado. É uma simplicidade simples, um deixar-se ir de palavra em palavra até sacar um efeito, que tanto pode ser uma risada como a sensação de estar perante uma estupidez benigna – o pensamento desconexo cultiva a palermice com a alegria com que o fazem as crianças. Há nele, com efeito, qualquer coisa de regressão à vida infantil – não pelo lado da pureza ou da ingenuidade, mas pelo da procura dum tempo ainda pouco marcado pela esquadria do superego.

Para escrever texto desconexo é preciso respirar com o corpo todo, como fazem os bebés e as crianças até aos primeiros sustos que apanham com os adultos e que são a causa dos bloqueios respiratórios. Como as crianças, deixamo-nos surpreender mais pela música das palavras do que pelo seu conteúdo, como nas lengalengas e nos estribilhos; como elas, deixamo-nos levar por atividade delirante, a única capaz de ver a bainha aos objetos e o estofo ao universo – pensamentos que o professor, na escola, nos mataria à nascença; como elas, brincamos com os materiais da realidade, colocando-os em vizinhanças improváveis uns dos outros.

O pensamento desconexo é literatura de intervenção, profundamente ideológico e comprometido: intervém pelo absurdo, assenta na ideologia do nada – um pouco, aliás, como o que se passa hoje no mundo da política profissional – e está comprometido com a arte de conseguir divertir-se apesar de saber o quão desinteressante é grande parte daquilo e daqueles que nos rodeiam. Na sua desconexão afirma, paradoxalmente, que toda a gente tem interesse, mesmo a que parece um caracol ou a que mal se distingue dum bovino. É portanto uma exaltação à natureza humana, na convicção vincada de que estamos perante o animal mais estúpido e mais sublime ao mesmo tempo. A natureza humana é o sítio onde a natureza começa a espantar-se de si própria e a perguntar se valia a pena ter ido tão longe.

O pensamento desconexo não compra ações em bolsa, mas está na estrutura acionista do inconformismo; não convive com secretários de Estado, mas aprecia as secretárias dos secretários de Estado; nunca chegará ao coração dos fiéis de nenhum credo, mas reza diariamente contra a desimaginação que nos governa, desde o governo à administração de condomínio. O pensamento desconexo pode até nem ser nada – mas também pode ser tudo.







# MORIBUNDO E BORIMUNDO

Não sei o que é o tempo, não sei o que é o fim: um atravessa-me, o outro espera-me. Enquanto isso, esgravato a estratosfera e desvelo o ninho de várias trovoadas. Moribundo e Borimundo sentam-se à beira do sepulcro e conversam sobre o Aquém, esgrimindo os últimos argumentos. Mostram-se descontraídos, deixam-se invadir pelo alívio dos que estão prestes a livrar-se do fardo. Esparsos cabelosos de Moribundo, fartos cabelos os de Borimundo, em todo o caso ambos alumiados pelo brilho intenso das trevas. Um torpor sobe-lhes os corpos em despedida, deixam-se embalar ao som dos vários géneros de coleópteros que os aguardam – algazarra de patas e pinças à espera da carniça.

– Linda está a noite! – diz Moribundo.

– É. Bebamos a isso – responde Borimundo.

Mas não beberam, porque ambos estavam proibidos pelo médico.

# CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Gosto de ser como a galinha, que grão a grão enche o papo. Ou como a tartaruga, que passo a passo vence a lebre. Gosto de ir a compasso, sem a pressa do estouvado, que trotava, trotava, até que deu cabo do gado. Poupar é mais atilado do que investir – que o diga o touro, que investe, investe até que cai morto na arena. É uma pena. Aquela rã que não estava bem com a roupa que tinha também se pôs a inchar, a inchar. Mas em vez de ficar como o boi ficou com uns grandes cornos. Não devemos querer ser mais do que o que somos nem comer do que não temos: fui a casa do vizinho e envergonhei-me, vim para a minha e remediei-me. Mas também é preciso ser olho por olho e dente por dente: não me venham cá parasitas, que a visita e o carneiro aos três dias tomam cheiro. Varre varre vassourinha varre, se varreres bem dou-te um vintém, se varreres mal interno-te na caixa geral de depósitos. É que grão a grão enche o boi o traseiro e a inchar enche a rã o papo.

# PROBLEMAS COM OS TIOS

## 1. TITI VOVÔ VOVÓ

A titi Teté tá totó o vovô Gugu tá gagá ai tá tá eu vi dar tautau no tutu da titi Teté veio a vovó deu tautau no tutu do vovô prò vovô não dar mais tautau na titi agora a titi tá gagá e tem dói-dói no tutu.

## 2. MEU TIO

Meu tio escorregou no fio e foi parar ao rio. Ninguém lhe ouviu um pio. Andámos num corrupio, virámos do avesso o rio, enredámo-nos no fio – e nada. Nada! Gritou a minha tia. E ele nadou – o meu tio! Cheio de frio, transido num arrepio, saindo das águas do rio. Como Deus é pio!

# ALIMENTAÇÃO RACIONAL

## 1. CARNES

À moela, é bom comê-la. Esmagá-la e comê-la – é assim que é boa, é assim que é bela. A moela come-se esmagada, não há que temê-la. Quanto à alheira, come-se inteira. Se for caseira, claro – a comprada não sabe a nada. Ao limão, há que espremê-lo, e à moela esmagá-la. E depois, é comê-la, e depois é bebê-lo – há que dizê-lo.

À mortadela, é bom comê-la. Cortá-la e comê-la. É assim que é boa, é assim que é bela. A mortadela come-se às rodela, não há que olhar para trás, não há que fugir delas. Vem de lá a faca, vem como quem não quer a coisa, muito ronqueira, muito em faquinhas de lâ – e zás! Dá-lhe uma cortadela. Bem no centro do lombo, ali onde a mortadela é mais mortadela. Mortadela é às rodela. Podemos não querer comê-las, mas há que contar com elas.

E o osso, há que falar no osso. Carne sem osso não é carne, é lesma. O carço, esse osso imenso. Um colosso. E a carraça, chupa a carne até ao osso. Como a lampreia – um destroço. Quando ao cão se dá o osso, eclode nele a alegria, fica num alvoroço. É o momento supremo do almoço. O cão come o osso, a carraça come o cão. Até ao osso. Mas quando chega ao osso, a carraça já não passa. Fica por ali, desolada, na superfície inóspita e descarnada – fica por ali com fome, até ficar no osso. Triste vida, a da carraça. Não queria passar o que ela passa. É

que passa tanto que se passa. Vai uma carraça bem passada?  
Chupe-a até ao osso. Não engasga, não tem caroço – esse osso  
do caraças. Um colosso.

# QUASE FILOSÓFICOS

## 7. SORTE NA VIDA

Gato preto dá azar. Abrir guarda-chuvas dentro de casa dá azar. Passar por baixo duma escada dá azar. Aranhas dão dinheiro, amantes tiram. O treze dá azar, à sexta-feira 13 dá muito azar. A ferradura dá sorte. O cavalo é um animal com quatro sortes.

# QUASE POÉTICOS

## 8. OS SETE DIAS DA EXTINÇÃO

Quando a religião chegou ao seu fim  
Deus caiu do céu aos trambolhões.

O inferno, em arrefecimento vagaroso  
começou então a extinguir as labaredas  
e o diabo, senil e desconsolado  
passava os serões aquecendo os pés de cabra naquele imenso  
borralho.

Tudo isto  
aconteceu assim mesmo  
e foi desfeito em sete dias  
findos os quais Deus descansou.

E logo tudo começou outra vez.

# CHAPÉUS HÁ MUITOS

A religião é uma coisa muito séria. É por isso que na missa não nos podemos rir. É também uma coisa muito difícil. Veja-se o dogma da Santíssima Trindade, em que três são um e um é três – que é, portanto, a conta que Deus fez. Deus, por sua vez, também é a Santíssima Trindade, que também é Deus, sem que sejam no entanto a mesma coisa, porque nenhum deles é coisa, mas espírito. Vê-se ainda que é um assunto muito complicado quando atentamos no facto de ser a Terra Santa o único lugar do mundo que nunca esteve em paz. E há também as guerras santas, que são guerras cheias de raiva e com muitas bombas como todas as guerras. Mas a parte em que a religião se torna mais labiríntica é quando atentamos no que se passa com os chapéus. Os padres normais, que estão para a igreja como os soldados rasos para o exército, não usam chapéu. Têm, em vez dele, de ostentar uma pelada circular geometricamente situada no cocuruto da cabeça, modo de arrefecimento do espírito que arrastam dos tempos em que eram os únicos com acesso à instrução e ao pensamento. Os religiosos de convento usavam um capuz, que simbolizava a singeleza, tal como os pés descalços. Os mais devotos eram os Capuchinhos e os Franciscanos dos Pés Descalços.

Quando se sobe na hierarquia sobe a categoria do chapéu, até chegarmos à mitra, espécie de bicórneo ostentado pelos bispos. A mitra é imponente e a sua grandiosidade, que ocupa quase um terço do bispo, não visa simbolizar a opulência, mas

apenas aumentar-lhe tamanho, de modo a pô-lo mais perto de Deus. É por isso que se torna incompreensível, à luz deste princípio hierárquico do tamanho dos chapéus, que o chefe supremo da Igreja católica envergue aquela meia-tigela colada ao couro cabeludo. Pode supor-se, por exemplo, que já não seria sustentável, no sentido gravitacional do termo, um chapéu ainda maior do que a mitra; ou que, sendo o Sumo Pontífice infalível, já não precisasse de ostentar tanta pompa através do ornamento chapeleiro; ou ainda que aquela meia-lua se destine apenas a cobrir a pelada papal, trazida involuntariamente do tempo em que era um simples pároco de aldeia. Enfim, talvez sirva em última análise para suavizar possíveis pancadas com que alguns paranoicos tentam atingir o Santo Padre à quarta-feira na Praça de S. Pedro. Ignoro o nome daquele chapelete que é, no fundo, a imagem de marca do Papa. Proponho, por isso, chamar-lhe papacete. Olha, lá vai ele: o Papa no seu papamóvel com o seu papacete!, grita a turba nos quatro recantos dos cinco continentes à passagem de Sua Santidade.

*Mais Notícias do Pensamento Desconexo* dá continuidade ao *Notícias do Pensamento Desconexo*, publicado em 2003. O próprio do pensamento desconexo é, porém, ir por onde lhe apetece, relacionando-se tanto consigo como com o seu vice-versa, tanto com as coisas do mundo como com a antimatéria, procurando deliberadamente o descabelado e o impropositivo – palavra acabada de inventar para gosto dos analistas críticos. Não se trata com isto de minorizar as análises críticas – mas preferimos redondamente as análises clínicas. Mesmo, até, as análises genéticas, que mostram como o pensamento desconexo está no ADN de todos quantos sabem que a vida é uma anedota – a única, aliás, em que as pessoas choram quando acaba.

O pensamento desconexo é, portanto, um não estar preso a continuidades, pelo que se trata aqui duma continuidade sem continuidade obrigatória, sem nenhuma responsabilidade de disciplina mental, sem o travão do método.

Aqui se reúnem os textos escritos desde 2003, uma coleção de alta-costura lexical e semântica que demorou onze anos a fazer, dado o ritmo de estalactite a que produzimos texto desconexo sem cair na desconexão do texto.